

TRABALHO ALIENADO E SOFRIMENTO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO TÉCNICO DE ENFERMAGEM

Amailson Sandro de Barros¹

RESUMO

Este artigo discute a relação entre trabalho alienado e sofrimento na formação profissional do técnico de enfermagem, a partir da realização do estágio curricular supervisionado. Para tanto, apresenta-se o conceito de trabalho alienado, segundo o referencial teórico de Marx e autores marxistas, e sua influência para o processo de sofrimento vivenciados pelos estagiários durante e após realização dos estágios curriculares no ambiente hospitalar. Participaram da pesquisa 15 estagiários, regularmente matriculados em um curso Técnico de Enfermagem, ofertado pela rede pública de ensino do Estado do Paraná. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados a partir da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977). Os resultados evidenciam, na concepção dos entrevistados, a importância do estágio para a formação profissional e demonstram que esse momento é de sofrimento. Para os participantes desta pesquisa, esse sofrimento é considerado como um fenômeno necessário à formação profissional na área de enfermagem.

Palavras-chave: Trabalho Alienado; Sofrimento; Técnico De Enfermagem; Estágio Curricular.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir a relação entre o processo de alienação e o sofrimento na formação profissional de nível médio, tendo como pano de fundo o curso Técnico de Enfermagem. As reflexões, aqui apresentadas, partem de um estudo mais amplo que buscou compreender a relação entre teoria e prática do trabalho na área da saúde, a partir da realização dos estágios curriculares supervisionados dos futuros técnicos de enfermagem. Nele, foi observado que, durante a realização dos estágios, os alunos vivenciavam situações as quais acarretavam sofrimento à aprendizagem e formação profissional, o que era interpretado por alguns estagiários como algo inerente à profissão.

¹Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Paraná (UNICENTRO), Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real – Guarapuava, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Email: amailsonbarros@gmail.com

Apesar da importância dada a esses momentos, observou-se que os sentimentos despertados nos alunos, durante os estágios, não era objeto de reflexão nas disciplinas tidas como teóricas, nem no campo de estágio, resultando na criação de “mundos” específicos da ação profissional, em que as práticas e as teorias não proporcionavam questões mútuas para o enfrentamento das dificuldades formativas encontradas pelos alunos.

Frente a essa realidade e na busca pela compreensão desse fenômeno, a partir de um posicionamento que privilegiasse uma discussão histórica e cultural da formação profissional em enfermagem e o sofrimento imbricado na articulação educação e trabalho, optou-se por adotar o trabalho alienado como categoria de análise, considerada sua importância para o entendimento da questão. Outra consequência relevante à formação técnica consiste na possibilidade de se verificar que, de maneira geral, as rotinas assumidas no campo de estágio, enfrentam dificuldades de ordem profissional, tais como: subordinação a um trabalho fragmentado e despersonalizado, o que evidencia desigualdades baseadas na distribuição desigual do saber e de poder que se estabelecem entre os atores profissionais envolvidos nesse processo. Nessa direção, compreendeu-se que o sofrimento dos estagiários demandaria a investigação das bases e condições materiais que propiciam tal processo.

Nesse sentido, a reflexão, aqui apresentada, parte inicialmente de uma discussão acerca do trabalho alienado e suas reverberações para a educação profissional, na tentativa de evidenciar que muito do sofrimento vivenciado pelos estagiários do curso técnico pesquisado está também relacionado à forma como é pensado e organizado, na sociedade capitalista, o processo de educação e formação profissional em saúde. O trabalho alienado cria o desenvolvimento de sofrimento.

Para essa análise, consideram-se as flutuações históricas da divisão social do trabalho em enfermagem, que separa seus trabalhadores em categorias distintas, de onde é possível verificar a clara divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, entre concepção e execução, de forma deliberada e adequada aos interesses hegemônicos de produção e reprodução do capital.

TRABALHO ALIENADO: BREVE CONCEITUAÇÃO

O trabalho, nas palavras de Marx (2010), é condição básica e essencial para a manutenção e formação da vida humana, da sociedade e da cultura. Em *O Capital*, o autor define o trabalho com sendo uma atividade realizada exclusivamente pelo homem. Para Engels (1876 apud ANTUNES, 2004), através do trabalho, o homem foi se constituindo gradualmente como gênero humano, distanciando-se da condição animal. Segundo esses autores, a atividade do trabalho ampliou os horizontes da espécie humana e levou o homem a descobrir novas formas de se relacionar com a natureza, transformando-a de acordo com as suas diversas necessidades, produzindo, assim, seus meios de existência e subsistência.

O trabalho tomado a partir dessas características é uma atividade ontológica e transformadora, no exato sentido em que oferece ao homem a possibilidade de produzir e reproduzir a sua vida material, transformando a natureza e, concomitantemente, transformado a si mesmo. Pela atividade do trabalho, o homem se constituiu em um ser social, numa espécie de salto que fez emergir de grupos de primatas, os primeiros grupos humanos (NETTO e BRAZ, 2011).

Nas palavras de Netto e Braz (2011), a atividade do trabalho, para a espécie humana, rompeu com a naturalização de atividades generalizadas entre as espécies animais, as quais se realizam por determinações geneticamente determinadas e biologicamente estabelecidas, numa relação imediata entre o animal e o seu ambiente. O trabalho é compreendido como condição fundamental à vida humana, atividade vital que permite ao homem suprir suas necessidades básicas e gerar outras, o que leva o ser humano a superar o reino animal.

Netto e Braz (2011) apontam três aspectos fundamentais para essa superação:

- em primeiro lugar, porque *o trabalho não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural*; diferentemente, ele exige *instrumentos* que, no seu desenvolvimento, vão cada vez mais se interpondo entre aqueles que o executam e a matéria;
- em segundo lugar, porque *o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas*; bem ao contrário, passa a exigir

- habilidades e conhecimentos que se adquirem inicialmente por repetição e experimentação e que se transmitem mediante *aprendizado*;
- em terceiro lugar, porque o *trabalho não atende a um elenco limitado e praticamente invariável de necessidades, nem a satisfaz sob formas fixas*; se é verdade que há um conjunto de necessidades que sempre deve ser atendido (alimentação, proteção contra intempéries, reprodução biológica etc.), *as formas desse atendimento variam muitíssimo e, sobretudo, implicam o desenvolvimento, quase sem limites, de novas necessidades.* (NETTO e BRAZ, 2011, p.40-41).

Em concordância às ideias de Marx, esses autores também tomam o entendimento do trabalho como sendo uma atividade orientada para um determinado fim, mediada pelo uso de instrumentos, ou um conjunto de instrumentos, criados pelo próprio homem, portanto, utilizados apenas pela espécie humana, pois o trabalho exige uma ação planejada e racional do homem sobre a natureza.

Segundo Netto e Braz (2011), antes de colocar os instrumentos em funcionamento para atingir o fim determinado, o homem prefigura em sua mente o resultado de sua ação. O homem, diferentemente do animal que age por instinto, antecipa idealmente sua atividade, projeta-a e a conduz para a finalidade proposta. A partir dessa ação intencionalmente prévia, teleologicamente direcionada, o homem coloca em movimento sua força física e mental para a realização do trabalho. O trabalho objetiva o próprio sujeito. Acarreta a transmissão e universalização do conhecimento, pelo fato de que "a partir das experiências imediatas do trabalho, o sujeito se vê impulsionado e estimulado a generalizar e a universalizar os saberes que detém" (idem, p.43).

Outro aspecto destacado por Netto e Braz (2011, p.44), é o fato de trabalho humano não ser uma ação isolada, mas uma atividade coletiva que se organiza e se estrutura pela inserção do homem no conjunto de outros sujeitos. A argumentação desses autores é de que o trabalho estabelece um tipo de vinculação entre os homens, organiza a vivência e a convivência social, sobretudo "implica convencer ou obrigar outros à realização de atividades,

organizar e distribuir tarefas, estabelecer ritmos e cadências". Esse processo é histórico e coletivo.

Entretanto, em que pese a importância do trabalho para a transformação do homem em um ser social, essa atividade, com base no desenvolvimento das forças produtivas e na reprodução de uma sociedade formada por classes antagônicas, assume historicamente e dialeticamente o caráter de exploração e alienação, tornando-se fator de desumanização. Assim, a dinâmica estabelecida entre homem e trabalho, leva ao desenvolvimento de desigualdade, dominação e, conseqüentemente, ao sofrimento.

Kuenzer (2004) ao tecer considerações sobre a dupla face que envolve o trabalho na constituição histórica do indivíduo, afirma que o trabalho configura-se como algo prazeroso, quando relacionado à criação de valor de uso, e como causa de sofrimento, quando relacionado exclusivamente, sob o capitalismo, à criação de valor de troca. De acordo com a autora:

Sob o capitalismo, contudo, a característica do processo de trabalho passa a ser a produção de valor de troca, que se auto-expande com a finalidade de acumular riqueza através da produção do trabalho excedente a ser apropriada pelo capitalista. A partir do momento em que o capital detém a propriedade dos meios de produção e da força de trabalho, determina-se o processo de desqualificação do trabalhador, que perde o controle do seu trabalho e das decisões sobre ele e, em decorrência, perde a posse do produto do seu esforço. (KUENZER, 2004, p.240).

Nesse sentido, a ontologia do trabalho é negada e o caráter criativo e de força potencial das características humanas perde espaço para o trabalho alienado. Este regido por normas estranhas a vontade humana, que transforma o próprio homem em mercadoria. Assim, o trabalho torna-se sacrifício e martírio do próprio homem, que se esgota fisicamente e arruína seu espírito.

Segundo Marx (2004), na obra *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, o trabalho alienado, aliena o trabalhador no objeto produzido e revela sua impotência e desrealização diante de sua produção. Tal fato, para o autor, implica que o objeto produzido pelo trabalho apresenta-se como um ser estranho e independente do trabalhador.

Com base neste pressuposto, é claro que quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria diante de si, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio. [...] O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra no objeto. O que se incorporou no objeto do seu trabalho já não é seu. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. (MARX, 2004, p.112).

O resultado do trabalho alienado assume uma existência externa e independente do trabalhador, ocupando uma autonomia em relação a ele, e a ele estranho (MARX, 2004), promovendo o esvaziamento dos valores, essencialmente humanos, o que pode levar ao adoecimento psíquico (MORAES, SILVA e ROSSLER, 2010).

Marx (2004), ao analisar o trabalho alienado, demonstra que a hostilidade e a estranheza com que ocorre a relação do trabalhador com o produto de seu trabalho, trazem como resultado o sofrimento (passividade) para o trabalhador, pois se dirige contra ele e a ele não pertence. O trabalhador torna-se impotente e emasculado e o trabalho aparece não como realização pessoal, mas como único meio de satisfazer a existência física do trabalhador. O trabalho alienado aliena o homem de seu próprio corpo e intelecto.

Ao afirmar que o trabalho alienado, aliena o próprio homem, Marx possibilita o entendimento de que os homens se encontram alienados uns dos outros. Como bem se expressa o autor: "na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, como trabalhador se depara." (MARX, 2004, p.118). Deste modo, o trabalho configura-se privado de sentido, com pouco conteúdo significativo que possibilite aos homens o autodesenvolvimento, de modo que sua natureza convertesse em sacrifício e não mais em satisfação de uma necessidade. Em virtude de sua limitação e impossibilidade de agir sobre o conteúdo significativo de uma determinada tarefa, os trabalhadores, diante do trabalho alienado, submetem-se ao sofrimento, sentindo-se inúteis e em certo grau desqualificados para executar essa tarefa. Nas palavras de Moraes et al (2004, p.88), "esse sentimento seria fruto da ideologia que impossibilita ao indivíduo a percepção dos determinantes sociais

de sua vida, originados nas sucessivas exposições de situações de inibição, negação e pressões do ambiente”.

A reflexão sobre o aspecto do trabalho alienado pode oferecer inclusive subsídios para se pensar o processo de formação profissional, a partir da dinâmica do estágio curricular e das experiências vivenciadas pelos estagiários durante a realização da prática, se considerado o fato de que esse momento possibilita aos alunos o contato com atividades práticas junto ao campo de atuação de seu futuro exercício profissional. Sendo, portanto, um momento em que os alunos são estimulados a agir como trabalhadores da área, ficando submetidos às mesmas relações de dominação e sujeição a que estão expostos o coletivo de trabalhadores.

A REALIZAÇÃO DE ESTÁGIOS CURRICULARES NA ÁREA DA ENFERMAGEM

No item anterior, buscou-se evidenciar a interferência do trabalho alienado, resultando sofrimento no trabalho, como forma de despertar a possibilidade de se pensar a formação profissional do técnico de enfermagem, relacionando o momento de realização do estágio curricular supervisionado com o processo de sofrimento e alienação a que estão expostos os alunos no dia a dia de sua profissionalização.

A escolha pelo momento do estágio curricular supervisionado ocorreu pelo fato de que este é entendido, neste estudo, como uma atividade de aprendizagem social, cultural e profissional, cujo objetivo ultrapassa a ideia mecânica de atividade prática. Por este viés, o estágio é tido como um momento significativo à construção da consciência social e política do aluno e a criação de vínculos éticos e afetivos entre eles e as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente com o seu futuro trabalho.

Ao recorrer à história de como se efetivavam os estágios na área de enfermagem, no Brasil, foi possível verificar na literatura que, na década de 20, do século XX, com a implantação da atual Escola Anna Nery, a realização do estágio exigia das alunas oito horas diárias de trabalho no hospital Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, além das aulas teóricas e práticas, totalizando 48 horas de atividades semanais dedicadas ao curso.

De acordo com Rizzoto (1999), essa alta carga horária de estágio funcionava como uma forma dos hospitais driblarem a falta

de enfermeiras para atuar no cuidado aos doentes, e funcionava como alternativa muito barata de mão de obra, pois 90% do curso ocorria dentro de hospitais, inclusive durante o período noturno. As escolas de enfermagem, segundo Launthier (in ITO, 2005), chegavam a diminuir o período de férias escolares para atender a demanda dos serviços, mantendo-se muito próxima aos setores produtivos, não superando o caráter pragmático e subordinado aos ditames do capital. As escolas de enfermagem atuavam no sentido de aprimorar a força de trabalho, inculcando, nas alunas, a ideologia dominante dos médicos, que difundia a compreensão do processo saúde-doença a partir do conhecimento da biologia, física e química.

Atualmente, a Lei Federal nº 11.788/2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, fixa a jornada de estágio em uma carga horária de quatro a seis horas diária perfazendo o total de vinte a trinta horas semanais. Na interpretação da lei, compreende-se que o momento do estágio não deve reduzir o conteúdo significativo do trabalho a um mero treinamento e aplicação objetiva e parcial de técnicas mecânicas e rotineiras.

Entretanto, em que pese o esforço da referida lei, em tornar o estágio um momento para além do tecnicismo, visando à superação dos dilemas surgidos, a partir da dissociação entre teoria e prática, tem-se historicamente na divisão social e técnica do trabalho em enfermagem a categorização dos trabalhadores, na qual se evidencia um divórcio entre o planejamento e a execução do trabalho, entre aqueles que exercerão o trabalho intelectual e aqueles que ficarão atrelados ao trabalho manual.

Na prática da enfermagem, a divisão de tarefas – a fragmentação do trabalho – ajudou a manter a divisão entre um trabalho que requer pouca qualificação (representando pelo cuidado), exercido pelas auxiliares de enfermagem, e um trabalho especializado, ‘mais intelectualizado’ (de controle, de coordenação, de interlocução com o médico), exercido pelas enfermeiras. No trabalho desenvolvido pela enfermagem, observamos uma polarização das qualificações. Essa polarização aconteceu mediante a divisão social do trabalho e a hierarquização obedecendo às clivagens capitalísticas de classe. (PEREIRA e RAMOS, 2006, p.24)

Nesse sentido, a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, teoria e prática, foi uma das estratégias para desapropriar o trabalhador do conhecimento integral de seu trabalho. Ao se reproduzir nessas bases, a enfermagem se organizou e determinou a evolução de suas categorias, tal como observou Braverman (1987, p.79), ao abordar a evolução da divisão do trabalho no capitalismo, qual seja, “o modo capitalista de produção destrói sistematicamente todas as perícias à sua volta e dá nascimento a qualificações e ocupações que correspondem a suas necessidades” e cuja profissionalização estreita não oportuniza ao homem a apropriação do domínio total do trabalho, limitando-se ao treinamento e à adaptação profissional para a produção, rigidamente separada entre planejamento e execução.

Historicamente, na área da enfermagem, essa separação ocorreu a partir de dois estratos sociais distintos: as *ladies* e as *nurses*, de onde se percebe também que a divisão social determinou a divisão técnica do trabalho, se considerado o fato que as primeiras eram representantes da alta classe burguesa enquanto que *nurses* eram alunas da camada popular. (PEREIRA e RAMOS, 2006).

No vértice dessa divisão, existe a alienação sobre o trabalho vivo em ato (entendido como o trabalho que ocorre no momento do cuidado, na relação entre usuário e o trabalhador de saúde) e a forma como essa se expressa no nível psicológico.

A partir da formulação de Seeman, Martins (2007 apud MORAES, SILVA E ROSSLER, 2010) discute que essa alienação se apresentaria subjetivamente nos indivíduos através de cinco formas: pelo sentimento de falta de poder ou sentimento de impotência; sentimento do absurdo (ausência de sentidos), marcado pela baixa ou pela falta de expectativa do indivíduo em executar seus projetos; isolamento; auto-estranhamento ou auto-alienação e anomia (ausência de normas).

Segundo Martins (2007 apud MORAES et al, 2010), essas formas de alienação ampliam as possibilidades de fetichização dos indivíduos e das relações humanas. Nessa perspectiva, os sentimentos de impotência e o sofrimento inerente a impossibilidade do sujeito em transformar o objeto a partir do previamente elaborado, demonstra as consequências da alienação e sua interferência para o processo de trabalho.

As contribuições de Martins auxiliam o entendimento a respeito da presença de sofrimento no cotidiano dos trabalhadores

e, nesse caso específico, dos estagiários durante o processo de sua formação, pois demonstram a não naturalização e individualização desse processo, possibilitando reconhecê-lo a partir de suas bases materiais. Para *Moraes et al (2010)*, essa apreensão é essencial para entender as causas e as condições concretas que a compõem a fim de superá-las e transformá-las.

Acredita-se que está questão oferece a possibilidade de se obter um posicionamento crítico frente à categoria sofrimento atrelada a formação profissional, entendendo sua ligação às condições em que ocorre a própria educação para o trabalho de enfermagem no interior da sociedade capitalista.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada no método do materialismo histórico dialético, realizada em um curso Técnico de Enfermagem, localizado em um município do Estado do Paraná.

A escolha pela pesquisa qualitativa ocorreu pelo seu caráter funcional em permitir a compreensão e análise detalhada dos significados da realidade vivenciada pelos entrevistados, sem reduzi-la a generalizações e variáveis operacionais. Pois, segundo *Richardson (1999)*, a pesquisa qualitativa tem como foco o entendimento do específico, do individual, com vista ao entendimento do fenômeno estudado.

Na coleta de dados, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, com 15 alunos-estagiários do curso técnico de enfermagem, aleatoriamente escolhidos, após apresentação do projeto de pesquisa, pelo pesquisador, a todas as turmas do referido curso. Participaram das entrevistas alunos do primeiro ao quarto semestre do curso. A maioria dos entrevistados (83,33%) pertence ao sexo feminino com faixa etária situada entre 18 a 40 anos. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas com o consentimento dos entrevistados, após leitura, concordância e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

A escolha pela utilização de entrevistas semiestruturadas justifica-se pelo seu caráter flexível que permite ao pesquisador levantar informações essenciais aos objetivos da pesquisa e desenvolver novas perguntas se necessárias ao entendimento do objeto (*PATTON, 1990; GIL, 1996*).

Ao assumir o materialismo histórico dialético como método de análise, considerou-se a possibilidade que este oferece ao pesquisador de problematizar a aparência de seu objeto de pesquisa, colaborando para que ele seja posto em evidência a partir de sua totalidade. Avançando das formas abstratas e simples para elaborações concretas e complexas. Partindo da aparência do fenômeno para a essência de sua análise.

Os conteúdos das entrevistas foram transcritos na íntegra e analisados a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos, durante a pesquisa, possibilitaram o entendimento da formação do técnico de enfermagem, inter-relacionada com o trabalho alienado e o sofrimento, a partir de duas grandes categorias: Importância e consequências subjetivas do estágio curricular na formação profissional e Sofrimento em situação de realização de estágio curricular.

IMPORTÂNCIA E CONSEQUÊNCIAS SUBJETIVAS DO ESTÁGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Todos os entrevistados entendem que a realização do estágio curricular supervisionado é um momento que propicia um contato com a realidade do trabalho de enfermagem, cuja importância reside na possibilidade que os alunos têm de colocar os conhecimentos teóricos em prática. O estágio, de acordo com os entrevistados, torna-se também o momento principal pela decisão da escolha profissional. A aproximação com a dinâmica do campo profissional, segundo as verbalizações, possibilita aos estagiários a atuação em situações reais de intervenção da enfermagem, o que exige do aluno um envolvimento com a equipe de profissionais e o entendimento das práticas de cuidado para, assim, aperfeiçoar as técnicas aprendidas em sala de aula:

É o começo de um aprendizado. É você fazer uma coisa que mais tarde vai sempre estar fazendo. Mais tarde você

vai acabar fazer aquilo rotineiramente. O estágio é para você aprender mesmo a fazer as coisas (E. 01).

É prática. É está praticando e está aprendendo. Então, desde o primeiro semestre ali, a pessoa vai lá e pratica, já tem uma noção se é isso que ela quer realmente. Já pega e põe a mão na massa. Até quem não tem consciência do que é realmente a enfermagem, né? Tão bonitinho ver o enfermeiro lá de branquinho. Muitas pessoas não têm consciência, e daí quando vai enfiar a mão na massa, praticando no estágio, acaba desistindo. Até quem tem consciência, quando enfia a mão na massa, lá no estágio, desiste. Tem que ter certeza que é isso que quer realmente. E para isso, é só praticando (E. 08).

Para os entrevistados, a importância da realização do estágio decorre da possibilidade de o estagiário obter a certeza de que fez a escolha certa pela profissão, como também possibilita ao mesmo, a superação do medo e da ansiedade em relação às práticas profissionais:

Estágio, na verdade, é o momento de tirar o medo. O momento de você colocar o que aprendeu na teoria em prática. E hora de tirar teus medos. Você está lá estudando na teoria e imaginando o que é, como é. Na hora da prática lá, na hora da tremedeira na verdade, de você... Pensa assim: eu tenho que fazer, eu preciso fazer, porque eu tenho que aprender, eu tenho que tirar essa insegurança. O estágio é o momento de você tirar os medos, de você adquirir segurança, adquirir conhecimento (E. 02).

Estudos de Casate e Corrêa (2006) pontuam que a aprendizagem técnica é fonte de ansiedade para os alunos. As autoras observaram, nas vivências de estágio hospitalar de acadêmicos de enfermagem, que os estagiários se sentiam ansiosos, com medo, frustrados, inseguros e impotentes diante de algumas situações em que tinham que atuar junto aos pacientes, colegas de curso, equipes de trabalho e professores. Nesse sentido, os resultados obtidos pelas autoras podem ser igualmente visualizados nas falas dos sujeitos que participaram desta pesquisa:

No início, eu tinha medo. Até o terceiro semestre eu tinha medo de fazer alguns acessos e lidar com alguns pacientes. Acho que isso foi o mais complicado (E. 01). Você está ali junto. Você está tentando ajudar, mas está vendo que não pode fazer mais nada. É só aquilo. Será que não faltou alguma coisa? Dá um sentimento que parece que você não fez nada, mas, na verdade, a gente faz. Parece que falta, né? (E. 06).

Na concepção de Stutz e Jansen (2006), o medo é uma categoria comum no início das atividades de estágios curriculares, pois os ambientes de estágios e as situações ocasionadas nesses espaços são novos para os alunos. Esses alunos sentem-se inseguros para lidar com as ações do cotidiano de trabalho, principalmente, quando essas são imprevisíveis e estão diretamente relacionadas ao cuidado direto com os pacientes. Segundo as autoras, a superação do medo é alcançada quando os estagiários e a equipe de profissionais do setor conseguem manter um bom relacionamento, o que gera bem-estar e sentimento de pertencimento ao grupo.

Verifica-se, nesse sentido, que sentir-se inserido na equipe de saúde/enfermagem é algo relevante, tanto para a autoconfiança quanto para o desenvolvimento cognitivo do aluno em saber lidar com seus sofrimentos e o sofrimento do outro (paciente). O que acentua o papel do outro na construção do conhecimento.

No sentido exposto pelos estudos de Casate e Corrêa (2006) e de Stutz e Jansen (2006), aspectos subjetivos da realização do estágio são revelados (medo, sofrimento, investimento pessoal, conhecimento), o que demonstra que o mundo do trabalho, vivenciado via estágio, não é somente permeado por questões técnicas, de modo que, na realização dos estágios, os alunos são envolvidos por conteúdos emocionais e sociais que determinam e sustentam também o conteúdo de suas relações com o objeto de trabalho.

Entretanto, quanto à importância de tais estudos, percebe-se o caráter que naturaliza e individualiza os sofrimentos vivenciados pelos estagiários, sem a devida discussão que identifique as causas históricas e a natureza social da gênese desses sofrimentos. A subjetivação dos sentimentos despertados durante os estágios, a exemplo da categoria medo, constantemente é analisada de forma dissociada de sua materialidade.

Considera-se, nesta pesquisa, que a superação do medo e a escolha pela profissão são alcançadas pela apropriação do conhecimento, por um processo de ensino e uma supervisão de estágio sistemática que articule teoria e prática e que possibilite aos alunos o acesso ao conhecimento cientificamente elaborado e culturalmente acumulado sobre o trabalho de enfermagem, empoderando-os em relação a sua futura prática profissional. De modo que as contradições presentes na forma de organização de seu trabalho se tornem explícitas e “os auxiliem na tomada de consciência acerca dos processos de alienação”, como definiu Moraes et al (2010, p.94). Neste processo, os estagiários filtrariam a realidade, para refleti-la e modificá-la.

Outro dado revelado neste estudo, é o de que a aproximação com o sofrimento alheio, no período de estágio, principalmente no ambiente hospitalar, é visto como uma experiência que desperta a sensibilidade para a ação de cuidar e proporciona autorreflexão e autocontrole em situações adversas do dia a dia, seja no âmbito pessoal e/ou profissional. A este respeito, pode-se perceber que os estímulos sociais e o contato com os outros sujeitos, permitem aos estagiários o autoconhecimento, através do reconhecimento do outro. Ademais, considera-se que o cuidar é uma prática social que recebe intervenção teórica por meio dos estudos e das investigações da enfermagem, enquanto ciência.

No estágio você vê realmente a realidade, você sente na pele. (E.08).

Aqui, eles ensinam que têm pessoas que são sozinhas e lá você vê coisas que não acredita. Você vê paciente com câncer avançado e sozinho. Lá você vê que as coisas acontecem. Não é em sala de aula que você aprende. Tem coisas que... Paciente que você atende hoje e amanhã falece. Esses eventos que eu vejo lá no local de estágio contribuem mais para a minha vida. Na sala de aula, eu vejo que é tão difícil e que eu tenho que continuar. Eu não me conformo de ver essas pessoas sozinhas. Eu falo sempre para a minha família: gente, nós temos que erguer as mãos para o céu e dar graças a Deus, porque ... Eu quero que vocês vejam, é só vendo que... Tem gente que reclama de tudo, que fala de tudo. Briga, sabe? Às vezes, a gente também se

estressa, porque a gente é ser humano. A gente é um ser humano, a gente tem defeito e qualidade que nem todo mundo. Eu fico pensando como é triste ver aquelas... né? Eu acho assim que me ajuda a ter mais paciência, tudo assim. Ter mais controle da minha vida. (E. 06)

De modo geral, os estagiários consideram que as atividades se tornam repetitivas e a participação angustiante. Os alunos relatam que em muitos setores as equipes de enfermagem se mostram, muitas vezes, resistentes à presença deles, ignorando-os e dificultando a participação nas atividades do setor. Observa-se, nessa dinâmica, a primeira forma de alienação no nível psicológico, pois os estagiários dizem se sentir impotentes e vivenciar uma falta de poder. O que expressa, nas palavras de Martins (2007 apud MORAES et al, 2010, p. 88), o resultado da inibição, retraimento, proibição e pressão do ambiente no controle e impedimento “do desenvolvimento das capacidades necessárias à auto-gestão de suas vidas”.

Os alunos entrevistados apontam, em suas verbalizações, que, enquanto estagiários, se colocam muito mais como observadores passivos das práticas adotadas pela equipe, em detrimento a uma ação reflexiva e conjunta, que transformaria, concomitantemente, profissionais e estagiários, a partir da reconstituição conjunta de seus conhecimentos. Os alunos sentem-se inúteis e o estágio traz insatisfação quando sua realização não apresenta sentido aos estagiários:

A gente se sente inútil. A gente chega lá e ninguém te cumprimenta. Nem te olham na cara. Tipo assim: Vocês não são nada. Eu me senti muito humilhada, sinceramente. (E.09).

Nesse contexto, há, ainda, a perpetuação da ideologia do modelo de profissionalização na área da enfermagem que, historicamente, separa a educação das *ladies* e das *nurses*, mas que não é criticamente compreendida pelos entrevistados. Além disso, não se pode esquecer, que o trabalho de enfermagem, vivenciado pelos estagiários no campo de estágio, está inserido em uma sociedade capitalista, caracterizada pelo processo de alienação, de relações de dominação e desigualdade, o que corrobora para restringir o

desenvolvimento das potencialidades dos estagiários, levando-os ao embotamento, desqualificação e fragilização de sua participação sobre o mundo da enfermagem, de maneira tal que prejudica o processo de emancipação e transformação de si e dos outros.

SOFRIMENTO NA REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR

A partir das falas dos participantes, observou-se que o exercício da enfermagem está diretamente ligado à resistência do estagiário em lidar diretamente com o sofrimento alheio e com o seu próprio sofrimento, no momento da realização dos estágios. Identificou-se que, para muitos estagiários, o cumprimento da carga horária de estágio, principalmente no ambiente hospitalar, tido como desgastante, é fator de geração de sofrimento. Entretanto, isto não ocorre apenas pelo contato dos estagiários com as diversas patologias que acometem o corpo dos pacientes, mas pelas diversas formas que este sofrimento assume no ambiente hospitalar, como: rotina de trabalho estressante, falta de envolvimento da equipe de enfermagem com os estagiários, ausência de reflexão, tanto com a equipe, como com o supervisor de estágio, sobre as dúvidas inerentes ao campo de atuação dos alunos. Situações que, de acordo com o entrevistado E. 02, "abalam realmente o psicológico" (E.02).

Pitta (1990) identifica que o trabalho nos hospitais é algo penoso e insalubre para todos os envolvidos, nesse sentido, verifica-se que ao vivenciar a rotina de trabalho no contexto hospitalar, o estagiário depara-se não apenas com o sofrimento dos pacientes, a esse se somam o sofrimento da equipe e o sofrimento do próprio estagiário. Sofrimentos que se buscam naturalizar como sendo inerentes ao trabalho da enfermagem.

Como os profissionais da enfermagem trabalham em setores definidos, alguns trabalham por anos no alojamento conjunto. Então, só vão trabalhar com alegria. Alguns trabalham em UTIs por anos. Então, só vão ter tristeza e sofrimento. [...] Você fica um tempo em choque e vai reabsorvendo. Vai passando... Eles dizem que no hospital você vai ver isso. Você vai ver aquilo. Dizem que você tem que estar preparado, mas não tem nenhuma preparação. Faz falta um suporte emocional para o estagiário, principalmente quando você inicia.

Você vê muitas coisas que fica muito chocado. Teu emocional fica... (E.02).

Suportar o sofrimento, durante a realização dos estágios, quando, no decorrer da realização destes, ocorre a morte de pacientes, foi percebido no estudo de Barros e Martins (2009), como sendo a "prova de fogo" pela qual os estudantes deveriam passar para garantir a certeza sobre o acerto da escolha profissional. Nesse sentido, é importante destacar que as questões que contextualizam o sofrimento, em situações de estágio, exigem dos estagiários um esforço suportado, que é tido pelos entrevistados como essencial a sua preparação técnica e psicológica.

Essas observações conduzem à reflexão sobre naturalização e até mesmo a banalização dos sofrimentos que os estagiários vivenciam na rotina dos estágios. Kóvacs (2003), por exemplo, observou que os cursos de formação profissional, na área de saúde, não incentivam uma discussão capaz de proporcionar aos profissionais e alunos um alívio de seus sentimentos inerentes à prática profissional, mas encetavam a oportunidade para que esses sentimentos fossem negados, através de uma "lei do silêncio", que se instalava sob a ideia de que a vazão sentimental é prejudicial à eficácia do trabalho. O profissional deveria, portanto, virar as costas às emoções, a favor da razão e de um atendimento prático, sustentado pelas normas técnicas.

Observa-se nessa análise que um ensino que desconsidera tais peculiaridades oferece pouca margem aos estagiários para que esses possam atuar para além de uma forma mecânica e automatizada.

Avellar, Iglesias e Valverde (2007 citando CODO, SAMPAIO E HITOMI, 1993) esclarecem que:

o trabalho automatizado leva a um certo modo de produção que separa o produtor de seu produto, tornando diferentes trabalho que são iguais. Vendido no mercado como qualquer outra mercadoria, o trabalho transforma-se em força de trabalho, impedindo a subjetivação do indivíduo. Essa ruptura entre a subjetividade e a objetividade, entre eu e o mundo, entre eu e o outro, entre eu e eu, se configura como sofrimento psíquico, uma vez que o indivíduo perde o controle sobre o seu meio e sobre si mesmo. (AVELLAR, IGLESIAS e VALVERDE, 2007, p 478).

A reflexão sobre esses aspectos provenientes da dinâmica do estágio curricular e as experiências vivenciadas pelos alunos durante a sua realização, pode oferecer subsídios didático-pedagógicos que estimulem a aprendizagem para além das tarefas repetitivas.

Na lógica da produção capitalista, a essencialidade dessa postura repetitiva de tarefas revela o trabalho alienado contido no estranhamento dos estagiários com o produto de seu trabalho: o cuidado humano. Bem como, oculta as questões históricas e sociais que incidem sobre o trabalho de enfermagem e, conseqüentemente, a não compreensão de que as situações de sofrimento são da ordem do coletivo. Sendo assim, passa-se a responsabilizar os estagiários como únicos responsáveis pelos seus sofrimentos, sem considerar a condição social, econômica e cultural dos acontecimentos na vida dos sujeitos.

Além disso, o ideário contido nas falas dos entrevistados, que sustenta a premissa de que o trabalho da enfermagem é um suporte constante do sofrimento, esconde as relações sociais capitalistas presente na hierarquia que organiza a divisão social do trabalho em enfermagem entre enfermeiros, técnicos e auxiliares. O que implica a compreensão fragmentada e reduzida do próprio campo de trabalho dos técnicos de enfermagem.

Os dados colhidos na pesquisa demonstram que a divisão do trabalho na equipe de enfermagem segue historicamente uma rígida cisão que dificulta aos trabalhadores de nível médio objetivações necessárias à realização de sua atividade. Nessas condições, verifica-se que a realização dos estágios segue uma coerência como o modo de produção capitalista, reproduzindo na dinâmica processual de formação de trabalhadores a mesma lógica da divisão trabalho manual *versus* trabalho intelectual.

Compreende-se que o estágio curricular deve ser visto não apenas como processo de aprendizagem, mas como um momento marcado por construções históricas em torno da elaboração e transmissão de saberes e práticas profissionais em enfermagem.

Na perspectiva teórica adotada para a elaboração deste texto, a capacidade de transformação e emancipação dos estagiários é diretamente proporcional ao acesso que os mesmos têm aos conhecimentos acadêmicos conquistados pela humanidade. Assim sendo, quanto maior o acesso a esses conhecimentos maiores serão as possibilidades dos estagiários intervirem e transformarem

diretamente a realidade posta a eles. Entretanto, não há como impedir que os estagiários não sejam afetados pela dor e sofrimento, durante a realização de seus estágios, mas acredita-se que a análise crítica dessa situação poderá contribuir para que as expressões de alienação no trabalho de enfermagem possam ser identificadas e reconhecidas no dia a dia do trabalho. O sofrimento se manifesta pela insatisfação em relação à organização do trabalho e ao conteúdo significativo das tarefas executadas pelos estagiários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi a de articular a relação entre trabalho alienado e sofrimento na formação profissional do técnico de enfermagem, analisando, para isso, o estágio curricular supervisionado.

A opção pelo estágio curricular ocorreu pelo fato de que, nesse momento da formação, o aluno vivencia, com mais veemência, situações concretas de sua futura prática profissional. Situações essas que levaram a elaborar a hipótese que apontava para a necessidade de uma discussão da relação entre trabalho alienado, sofrimento e formação profissional.

O caminho percorrido pretendeu demonstrar a importância de compreender o fenômeno que envolve a realização dos estágios curriculares supervisionados para além dos limites que circunscrevem a percepção subjetiva dos envolvidos, buscando, na concretude das relações sociais de trabalho em enfermagem, as bases para o seu entendimento. Isso pressupõe não apenas o conhecimento mecânico das técnicas empregadas no ato de cuidar, mas das dimensões sociais, culturais, históricas e científicas que circunscrevem e que dão concretude à ação profissional desses futuros trabalhadores, como forma de poder contribuir para a constituição de uma educação profissional transformadora, livre dos ideais burgueses de exploração, dominação e mistificação da força de trabalho.

Afinal, entende-se que o sofrimento não é apenas individual, mas manifestação de uma divisão que permeia toda a sociedade e que o desafio para o curso pesquisado, consiste em evidenciar o caráter do trabalho alienante, em que as atividades desenvolvidas pelos estagiários tornam-se cindidas e tendem a se ampliar e a produzir cada vez mais sofrimento e sujeitos adoecidos.

ALIENATED LABOR AND SUFFERING IN THE TECHNICAL TRAINING OF NURSING PROFESSIONALS

ABSTRACT

This article discusses the relationship between alienated labor and suffering in the training of the nursing technicians regarding their completion of supervised training. For that end, the concept of alienated labor is presented in light of the theoretical framework of Marx and Marxist authors, and their influence on the process of suffering experienced by the trainees during and after completion of practice training in the hospital. The research was held on 15 trainees enrolled in Technical course in Nursing, offered by public schools in the State of Paraná. Data were collected through structured interviews and treated based on the content analysis proposed by Bardin (1977). The results revealed that the subjects of the survey highlighted the importance of practical training for professional mastering, demonstrating that this is not a gruesome moment. For the participants of this research, this suffering is taken as a necessary phenomenon for professional training in nursing.

Keywords: Alienated Labor, Suffering, Nurse, Probation.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. (org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

AVELLAR, L. Z.; IGLESIAS, A.; VALVERDE, P. F. Sofrimento psíquico em trabalhadores de enfermagem de uma unidade de oncologia. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n.3,475-481, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02/03/2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, A. S.; MARTINS, C.R.M. A percepção do Técnico de Enfermagem sobre sua formação em tanatologia. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 8, n. 1, p. 110-121, 2009. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/perfilvertentes/index.php/revista/issue/view/11>. Acesso em: 10/03/2012.

BRASIL. *Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o estágio de estudantes, altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do

Trabalho alienado e sofrimento... - Amailson Sandro de Barros

art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o artigo 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001. Brasília, 2008.

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

CASETE, J. C.; CORRÊA, A. K. Vivências de alunos de enfermagem em estágio hospitalar: subsídios para refletir sobre a humanização em saúde. *Rev. Escola de Enfermagem da USP*, v. 40, n. 3, p. 321-328, 2006. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp>. Acesso em 20/03/2012.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ITO, E. E. *O estágio curricular segundo a percepção dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: desafios na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. v. 02, n. 01, p. 239-265, 2004.

MARX, K. *Capítulo VI inédito de o capital*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MORAES, R. J. S. de; SILVA, G. L. R. da; ROSSLER, J. H.). A alienação e o sofrimento da classe trabalhadora: contribuições da psicologia histórico-cultural. *Rev. Eletrônica Arma da Crítica*, 2, número especial, 72-97, 2010. Disponível em: www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_5_especial.pdf. Acesso em 23/03/2012.

NETTO, J.P.; BRAZ, M. *Economia política: uma introdução crítica*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PATTON, M.Q. *Qualitative evaluation and research methods*. 2. ed. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

PEREIRA, I. B.; RAMOS, M.N. *Educação profissional em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3 ed. S. Paulo: Atlas, 1999.

STUTZ, B. L.; JANSEN, A.C.). Ensino técnico na área da saúde: os desafios do processo de aprendizagem. *Rev. Psicologia Escolar e Educacional*. Campinas, v. 10. n. 02, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v10n2/v10n2a05.pdf> Acesso em: 18/05/2012.

Recebido em setembro de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.